



HABITAR A LINGUAGEM NO ESPAÇO DA CRECHE: UM OLHAR PARA AS DOCUMENTAÇÕES PEDAGÓGICAS A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO INFANTIL NO CURSO DE PEDAGOGIA¹

Luciane Pandini Simiano²
Jéssica Beluco Vitoreti³

RESUMO

O presente texto tem por foco analisar o que contam as documentações pedagógicas construídas em uma experiência de Estágio em Educação infantil e o que elas nos indicam para pensar a linguagem na creche. Para tanto, realizamos uma pesquisa qualitativa (GIL, 2002) a partir dos pressupostos da pesquisa documental. A partir do diálogo entre diferentes autores e perspectivas como Malaguzzi (1999) Benjamin (1986), Pandini-Simiano (2015), defende-se a documentação pedagógica como uma narrativa, tecida no encontro entre adultos e crianças no espaço da creche. Nas documentações pedagógicas, encontramos uma imagem de criança ativa, com capacidade para crescer e se relacionar em um contexto educativo potencialmente rico em experiências de brincadeiras, interações e linguagens. Os resultados desvelam indicadores que pretendem contribuir para pensar os muitos modos de habitar a linguagem na creche, evidenciando a força expressiva da linguagem, na produção de narrativas capazes de deixar marcas, tecer memórias, fazer história.

Palavras-chave: Educação Infantil. Criança. Linguagem. Documentação pedagógica. Estágio Supervisionado Pedagogia.

STAY IN LANGUAGE IN THE SPACE OF THE DAY CARE CENTER: A LOOK AT THE PEDAGOGICAL DOCUMENTATIONS FROM THE EXPERIENCES OF THE SUPERVISED STAGE IN CHILD EDUCATION IN THE PEDAGOGY COURSE

ABSTRACT

The focus of present text is analyze what the pedagogical documentation built in an internship experience in early childhood education tells us and what they indicate to us to think the language in the daycare center. For this, we conducted a qualitative research (GIL, 2002), based on the assumptions of documentary research. From the dialogue between different authors and perspectives such as Malaguzzi (1999) Benjamin (1986), Pandini-Simiano (2015), pedagogical documentation is defended as a

¹ Financiamento FAPESC.

² É doutora em Educação pela UFRGS, realizando parte de seu doutoramento na Università degli Studi di Firenze, atualmente é professora do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Sul de Santa Catarina UNISUL. Tubarão. Santa Catarina. Brasil. Contato: lucianepandini@gmail.com <https://orcid.org/0000-0001-8378-2359>

³ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Sul de Santa Catarina UNISUL. Contato: jessicavitoreti@hotmail.com

narrative, woven in the encounter between adults and children in the daycare center. In the pedagogical documentation we find an image of an active child, with the capacity to grow and relate in an educational context potentially rich in experiences of games, interactions and languages. The results reveal indicators that intend to contribute to thinking about the many ways of inhabiting language in the daycare center, showing the expressive strength of language, in the production of narratives capable of leaving marks, weaving memories, making history.

Keywords: Child education. Kid. Language. Pedagogical documentation. Supervised internship pedagogy.

LENGUAJE FACILITADOR EN EL ESPACIO DEL VIVERO: UNA MIRADA A LAS DOCUMENTACIONES PEDAGÓGICAS DESDE LAS EXPERIENCIAS DE LA ETAPA SUPERVISADA EN EDUCACIÓN INFANTIL EN EL CURSO DE PEDAGOGÍA

RESUMEN

Este texto tiene como objetivo analizar lo que nos dice la documentación pedagógica construida en una experiencia de pasantía en educación infantil y lo que nos indica para pensar el lenguaje en la guardería. Para ello, realizamos una investigación cualitativa (GIL, 2002), basada en los supuestos de la investigación documental. A partir del diálogo entre diferentes autores y perspectivas como Malaguzzi (1999) Benjamin (1986), Pandini-Simiano (2015), se defiende la documentación pedagógica como narrativa, tejida en el encuentro entre adultos y niños en la guardería. En la documentación pedagógica encontramos una imagen de un niño activo, con capacidad de crecer y relacionarse en un contexto educativo potencialmente rico en experiencias de juegos, interacciones y lenguajes. Los resultados revelan indicadores que pretenden contribuir a pensar las múltiples formas de habitar el lenguaje en la guardería, mostrando la fuerza expresiva del lenguaje, en la producción de narrativas capaces de dejar huellas, tejer recuerdos, hacer historia.

Palabras clave: Educación Infantil. Niño. Idioma. Documentación pedagógica. Pedagogía de pasantía supervisada.

Figura 1 – Encantamentos...



“Passava os dias ali, quieto, em meio a coisas miúdas. E me encantei.”.

(BARROS, 2006)

Fonte: Acervo da autora

1 INTRODUÇÃO

A qualidade do atendimento às crianças, na educação infantil, se vincula, entre outros aspectos, à formação inicial dos professores responsáveis por educar e cuidar das crianças até de seis anos. Nas últimas décadas, com novas exigências legais de qualificação para os profissionais da área, o desafio que se coloca, na formação inicial em Pedagogia, é pensar uma articulação entre os conhecimentos teóricos e a prática profissional, proporcionando reflexão crítica e ampliação dos campos de conhecimento. Nesse sentido, a Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015, art. 13, inciso IV, § 6º, nos diz que “O estágio curricular supervisionado é componente obrigatório da organização curricular das licenciaturas, sendo uma atividade específica intrinsecamente articulada com a prática e com as demais atividades de trabalho acadêmico” (BRASIL, 2015, p. 12).

Componente obrigatório e indispensável na formação inicial, o estágio é uma atividade que traz os elementos da prática para dentro do espaço acadêmico, auxiliando na formação dos futuros professores. Luciana Ostetto (2011), ao pensar o estágio curricular obrigatório na área da Educação Infantil, salienta que “a formação do professor envolve [...] muito mais que domínio teórico, competência técnica e compromisso político. Lá estão histórias de vida, crenças, valores, afetividade, enfim, a subjetividade dos sujeitos implicados” (2011, p. 128). Nesse sentido, o estágio possibilita uma oportunidade para a abertura, para a travessia do (des)aprender, deslizar, afetar, ser afetado, desdobrar, tecer modos de existir, ressignificar e construir sentidos no espaço educativo.

Nessa perspectiva, aposta-se nas relações entre adultos e crianças como pilares a sustentar uma pedagogia da Educação Infantil. Assim, a pedagogia italiana propõe o processo de documentação pedagógica como um elemento que sustenta os serviços educacionais para crianças na primeira infância. Para Malaguzzi (1999), a trama da documentação pedagógica insere-se em uma proposta que considera a importância da escuta, da observação, do registro, da interpretação e da narrativa. Trata-se de um processo cooperativo que permite aos professores escutar as crianças e construir sentidos com elas.

Pandini-Simiano (2015), em diálogo com a pedagogia italiana e a filosofia benjaminiana, propõe a documentação pedagógica como uma “narrativa peculiar tecida no encontro entre adultos e crianças [...]. No gesto de registrar, interpretar, narrar, o professor é narrador, reconhece, valoriza preciosidades no cotidiano “(PANDINI-SIMIANO, 2015, p. 124). Diante de tal perspectiva, questiona-se: O que contam os estudantes sobre o cotidiano

educativo em seus primeiros encontros com crianças em campo de estágio? Quais suas narrativas sobre infâncias, linguagens, crianças e as especificidades de sua educação? Poderia o processo de documentar contribuir na construção da especificidade da docência com bebês?

A docência, na educação com crianças pequenas, requer, entre outras coisas, pensar ações planejadas intencionalmente em torno de um contexto temporal e material de exploração e investigação para que as crianças entrem em linguagem brincando. Tendo em vista que “as crianças têm uma relação com a linguagem onde as coisas estão mais perto do sentir (sensação, matéria, concretude) do que do significado (abstração, conceito, especulação). A palavra da criança está no corpo” (PANDINI-SIMIANO, 2015, p. 99). É na ação do corpo, no mundo, que as crianças produzem sentidos, algo que nos faz considerar, assim como Le Breton (2009, p. 42), que “o corpo não é primo pobre da língua, mas seu parceiro homogêneo na permanente circulação de sentido”.

Cantar, desenhar, pintar, barulhar, falar, modelar, dançar, silenciar...habitar a linguagem no espaço da creche. Inscrições, rastros, marcas de presença no mundo a partir da dimensão inventiva da produção de sentidos... O presente texto aborda tais temáticas ao focar o que contam as documentações pedagógicas construídas no Estágio em Educação Infantil do Curso de Pedagogia para pensar a linguagem na creche.

2 - ELEMENTOS DO PERCURSO INVESTIGATIVO

Como ponto de partida desta investigação, tem-se as seguintes questões: o que contam as documentações pedagógicas construídas no Estágio em Educação Infantil do Curso de Pedagogia? O que essas narrativas nos indicam para pensar a linguagem na creche?

Para auxiliar no estudo, apresentar-se-ão elementos de uma pesquisa, realizada em 2019, desenvolvida em uma perspectiva qualitativa (GIL, 2002), mediante pressupostos da pesquisa documental. Nessa perspectiva, elegemos como instrumento de pesquisa as documentações pedagógicas produzidas pelos acadêmicos do Curso de Pedagogia da Universidade do Sul de Santa Catarina, matriculados na Unidade de Aprendizagem de Estágio de Educação Infantil I.

Para realizar a coleta de dados, acessamos as documentações pedagógicas construídas pelos estudantes de pedagogia no “*Giardino* - Centro de Pesquisa e Documentação Pedagógica em Educação Infantil”, disponibilizado no Repositório Institucional RIUNI/UNISUL. Trata-se de um ambiente digital que permite acesso a documentos relativos à produção intelectual das mais diversas áreas do conhecimento na UNISUL.

A análise implicou diferentes exercícios de seleção e categorização das documentações pedagógicas. A partir das leituras sucessivas de cada documentação, marcávamos as palavras que denominamos de chave, que se assemelhavam ou que se repetiam em todas as documentações. Esse processo levou à temáticas que se evidenciavam nas documentações. Foram muitas temáticas, mas priorizamos o que havia em comum em todas as documentações: uma imagem de criança ativa, com capacidade para crescer e se relacionar; um contexto planejado, organizado, potencialmente rico em experiências de brincadeiras, interações e linguagens; a força expressiva da linguagem, na produção de narrativas na creche.

3 EDUCAÇÃO INFANTIL, FORMAÇÃO INICIAL E DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA: ALGUNS OLHARES

O surgimento da etapa da Educação Infantil e sua trajetória foi uma grande conquista para a educação brasileira. Desde a Constituição de 1988, e, posteriormente, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, que a Educação Infantil passou a ser considerada primeira etapa da educação básica. Com isso, o atendimento em creches e pré-escolas tornou-se direito social da criança. A partir desse momento, a criança passou a ser considerada:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p. 12).

Considerando tais princípios legais, foi necessário repensar o trabalho pedagógico, repensar a Educação Infantil. Consequentemente, a qualidade da educação oferecida às crianças implica formação competente dos profissionais que atuarão nesta área, afinal “A chave para o desenvolvimento pleno das capacidades humanas está nos processos educativos. Quem faz educação, e como, torna-se questão central nesses processos” (GATTI, 2013-2014, p. 35).

Assim, faz-se necessário, na formação inicial, a mobilização de saberes práticos, experiências em campo de trabalho para além dos saberes acadêmicos teóricos. O estágio supervisionado oportuniza condições para colocar em prática as discussões, desenvolvendo intervenções pedagógicas de modo a (re)pensar o processo educativo.

A aproximação dos acadêmicos estagiários com o campo de estágio permite uma

aproximação com as crianças, possibilitando ampliar seus saberes sobre elas.

Tal compreensão contribui para que pensemos a formação inicial como um espaço que introduz elementos para a construção de uma postura profissional de valorização e práticas como a observação, a discussão e a reflexão sobre os múltiplos modos de expressão das crianças, instrumentos fundamentais da prática pedagógica em educação infantil. (CERISARA et al., 2002, p. 5).

Nesse sentido, acreditamos que o processo de documentação pedagógica contribui, significativamente, para a prática pedagógica na Educação Infantil, tendo em vista que a concepção que dá alicerce para o estágio supervisionado está fundamentada no princípio da ação-reflexão-ação, o que exigirá do estagiário observar, registrar, interpretar, refletir e exercitar o fazer docente, a partir desse princípio epistemológico, no decorrer de todo esse processo estágio.

Em busca de conhecer um pouco mais sobre o processo de documentação pedagógica, podemos situar sua história na Itália, em uma época em que o país foi marcado por terror e barbárie. Após a segunda grande guerra, era necessária a criação de uma escola que superasse e reedificasse suas concepções para uma nova geração; uma escola capaz e comprometida em formar crianças e adolescentes. Loris Malaguzzi, um jovem professor sensibilizado com o desejo da construção desta nova pedagogia, “[...] criou muitas estratégias políticas e pedagógicas; uma delas tem sido imprescindível para o sucesso de sua abordagem. Ela se chama Documentação Pedagógica” (MELLO; BARBOSA; FARIA, 2017, p. 9). Malaguzzi sugeriu aos professores que anotassem em uma caderneta o que acontecia em sala e, posteriormente, deveriam refletir sobre suas escritas e a vida na escola. Desde então, neste contexto, documentar é essencial para o processo educativo.

Dar visibilidade, criar memórias, transmitir narrativas, tornar-se ponto de encontro, documentar

[...] permite entrar na ação educativa e representar pensamentos e ideias de uma forma que não é arbitrária, mas que leva em conta as crianças, protagonistas da ação educativa e os educadores responsáveis pela organização dos acontecimentos. (MELLO; BARBOSA; FARIA, 2017, p. 87).

O ato de documentar é um processo educativo pautado, na observação, no *registro*, na *interpretação* e na construção de *narrativas* (PANDINI-SIMIANO, 2015). Para tanto, é necessário estar atento e sensível, de modo a dar visibilidade às crianças, a seus encontros e às ações no contexto educativo.

Durante a UA, de Estágio Supervisionado do Curso de Pedagogia – UNISUL, a observação e a escuta se fazem presentes a todo o momento, já que o projeto de docência é realizado por meio de todas as preciosidades coletadas em campo, e é aí que “[...] a magia acontece: a escuta do outro provoca a abertura ao inesperado e à surpresa, aquilo previamente ignorado. De natural, óbvio, o cotidiano passa a ser extraordinário” (PANDINI-SIMIANO, 2015, p. 58).

Ao olhar e escutar, o *registro* torna-se necessário. Seja por fotos, gravações, dizeres extensos, breves, o registro permite reviver o acontecido. Lembrar daquilo que deixou marcas. É importante ressaltar que “[...] para fazer um bom registro, não se trata de captar o maior número de informações e objetos possíveis. Como em uma coleção, trata-se de selecionar aquilo que faz sentido” (PANDINI-SIMIANO, 2015, p. 61). O cuidado com o excesso de informação faz-se necessário para não se distanciar daquilo que se pretende documentar, e isso é difícil, porque,

[...] trabalhando com crianças pequenas, tudo nos parece igualmente importante, e é; no entanto, se queremos avançar em nossos pensamentos e em nossa maneira de ensinar, temos que ‘delimitar’, destacar algumas coisas. Escolher não significa perder de vista o contexto, mas focar em algumas coisas específicas. (MELLO; BARBOSA; FARIA, 2017, p. 32).

Além disso, não existem regras para registrar. Tudo dependerá da intenção do professor e para quem ele deseja documentar. Quando escolhermos algo para registrar, colocamos, mesmo que intencionalmente, nossa perspectiva daquilo que consideramos mais relevante. Devemos estar abertos a todos os acontecimentos, mas saber selecionar aquilo que é significativo, aquilo que nos toca na experiência educativa.

Escolher, revisitar, reorganizar e *interpretar* o material coletado é um processo que deve ser feito cuidadosamente. A documentação conta uma história e, da mesma forma, os materiais coletados devem compor uma sequência. Ao interpretar, o professor busca dar significado aos acontecimentos e, nesta etapa, o diálogo e a troca de experiências em grupo permitem olhar para diferentes aspectos, “Assim, a documentação assume a importante função da auto formação na construção de uma forma de pensar compartilhada pelo grupo” (MELLO; BARBOSA; FARIA, 2017, p. 94). Durante a coleta de pistas do processo educativo, o outro pode olhar para além do que eu vi. O outro pode perceber coisas que eu não havia percebido antes. Dessa forma, a documentação pedagógica promove uma prática democrática, envolvendo diferentes pontos de vista da prática educativa.

Por meio da *narrativa*, a intenção do professor, ao registrar e interpretar, se concretiza, tornando-se uma documentação pedagógica. Narrar é transformar as experiências em palavras. É transmitir o acontecido.

[...] a riqueza se dá no reconhecimento do ínfimo como algo grandioso, luzente. Alguém que recolhe, colhem registra, interpreta e narra. Daí advém a potência do professor como colecionador. No gesto de documentar oferece uma narrativa sobre as coisas, os espaços, os lugares, a infância. (PANDINI-SIMIANO, 2015, p. 105).

O que contam os estudantes sobre o cotidiano educativo em seus primeiros encontros com crianças em campo de estágio? Quais suas narrativas sobre as infâncias, as linguagens, as crianças e as especificidades de sua educação?

4 HABITAR A LINGUAGEM NO ESPAÇO DA CRECHE: O TECER DAS NARRATIVAS

No decorrer da Unidade de Aprendizagem de Estágio Orientado Supervisionado em Educação Infantil, os acadêmicos produziram documentações pedagógicas. Em busca de conhecer mais sobre tal questão, percebemos, inicialmente, que o processo de documentar permitiu aos estudantes olhar e escutar as crianças. As documentações produzidas remetem a uma imagem de criança como sujeitos sociais de direitos, que possuem gostos, interesses, especificidades e singularidades.

O reconhecimento da criança como sujeito ativo, potente desafiou os acadêmicos, em sua docência, à construção de espaço educativo oportuno e acolhedor, que reconheça e promova suas descobertas. O gesto de documentar possibilita tornar pública a experiência vivida.

A documentação é, pois, um meio que contribui para ampliação da compreensão dos conceitos e das teorias sobre as crianças; é ferramenta para que os educadores observem, registrem, pensem e comuniquem os acontecimentos cotidianos que envolvem descobertas, tentativas, experiências, construções, hipóteses das crianças sobre o mundo [...] (OSTETTO, 2015, p. 206).

Assim, a documentação pedagógica convidou a olhar para além do aparente, ao permitir reconhecer indícios de criança potente, valorizando e respeitando suas singularidades.

A liberdade e o direito de escolha são narrados pelos acadêmicos ao assumir o espaço

educativo como lugar de emancipação. Nesse sentido, um espaço pensado, planejado e organizado, que oportuniza a relação entre os pares, a criação de brincadeiras e a descoberta de diferentes materialidades, como documentado na figura 2.

Figura 2 – A chegada da casa encantada... O espaço como lugar de linguagem e imaginação

2

“[...] A criança tem cem mãos, cem pensamentos, cem modos de pensar, de jogar e de falar. Cem, sempre cem modos de escutar de maravilhar e de amar. Cem alegrias para cantar e compreender. Cem mundos para descobrir. Cem mundos para inventar. Cem mundos para sonhar. A criança tem cem linguagens (e depois cem, cem, cem) [...]” Loris Malaguzzi

A chegada da casa encantada... O espaço como lugar de linguagem e imaginação.



Momentos de descobertas e encantos...

...E a brincadeira começa!

Nas expressões das crianças, o encantamento, a magia, a surpresa. E veio a descoberta “é uma casinha!”. Eis que surge na sala uma casa para brincar, fazer de conta, imaginar, explorar. Pega, toca, bate, olha, entra e sai, encontra amigos através da janela. As ações das crianças são permeadas de liberdade de escolha, movimento, autonomia, alegria e satisfação.

1



Admirados, escolhem os materiais para experienciar...

Maravilhados com a mistura das cores...

Por meio dos pincéis, rolos, esponjas e as próprias mãos as crianças pintam e interagem no espaço fazendo da casa um lugar de imaginação. E assim surgem possibilidades de experienciar cem linguagens no cotidiano.

E o encantamento continua...



E o prazer de sentir!

2

Fonte: Centro de Documentação Pedagógica Giardino – UNISUL.

A forma como o cotidiano é organizado reflete a imagem de criança internalizada na prática. Tempos e espaços pensados para as crianças, a partir do princípio da autonomia, fortalecem a concepção de sujeito de direitos. A chegada de uma casinha “crua” despertou, nas crianças, o desejo de deixarem suas marcas naquele espaço. Sentir-se parte, marcar, deixar rastros é constitutivo do sujeito. Acolher a alteridade possibilita construir um sentido de pertença. Ao se apropriarem da casinha, imprimir suas marcas, as crianças nos mostravam que aquele era um lugar que se reconheciam. O discurso estabelecido na brincadeira, na interação, no encontro, na ação do corpo no mundo constitui um mundo de significados.

As Diretrizes Curriculares Nacionais, para a Educação Infantil, propõem eixos do currículo, norteados nas interações e nas brincadeiras, favorecendo “[...] a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical” (2010, p. 25). A integração destas experiências - interações e brincadeiras por meio das diferentes linguagens – oportuniza às crianças situações de aprendizagem significativas.

A partir desse pressuposto legal, buscamos identificar, nas documentações produzidas pelos acadêmicos, indicações de práticas docentes que assegurem as especificidades do brincar, das interações e das linguagens na docência da Educação Infantil, aspectos esses que são revelados na documentação que segue:

Figura 3 – Um olhar para as experiências das crianças com diferentes materialidades no espaço da creche

3 “Considerando que a educação coletiva dos bebês efetiva-se na materialidade de um espaço, considero fundamental que ele seja rico, diverso em materiais, brinquedos, mobiliário. O espaço potencializa a educação. Mas, é o olhar, a conversa, o toque, o sorriso, a brincadeira, as experiências que transformam o espaço da creche em lugar, ou seja, lócus de sentido, de construção de identidade.” Simiano (p.36, 2010)

Das vivências nascem aprendizados...

Um olhar para as experiências das crianças com diferentes materialidades no espaço da creche

Cesto no chão... Surgem, tecidos, pinhas, espiga de milho, livros, colheres, caixa de ovos... Olhos arregalados e surpresa... Silêncio... O espaço se transformou em um lugar onde os pequenos podiam sentir-se acolhidos. Novos significados, construções, brincadeiras... Cada um se interessava por algo diferente, pois tudo que havia ali era novo e atrativo para eles.



“Maria Vitória encontra em meio aos objetos, uma espiga de milho e um pincel, foi amor a primeira vista, ela começou a pintar seu milho com um olhar atento e afetuoso.”



“O cesto é colocado no chão da sala, em cima de uma grande toalha, nesse momento todas as crianças chegam perto para ver o que havia nele, Iris, Arthur, Lucas e Isabela foram as primeiras a pegarem os objetos e dar a eles novas significados.”



“Arthur se depara com uma garrafa, a observa atentamente até que começa a chacoalhar e percebe que ela produz um som diferente, ele fica alegre com a sua nova descoberta e salta um lindo sorriso.”

1

"O tempo da infância é um tempo imenso, que as crianças têm direito de explorar e experimentar completamente."
Susanna Mantovani (2019, p.8)

O que podemos encontrar na cabana?

A união da madeira e uma colcha de retalhos dá vida à uma cabana... Que possibilita espaço de brincar, estar com amigos, descobrir e ser descoberto! Aos poucos a cabana se tornou abrigo, lugar que amplia repertórios imaginativos, trilhar os brinquedos e as emoções, compartilhar saberes.



"Betina é a primeira a explorar a cabana, entra dentro dela e sai alegremente com expressão de surpresa, repete essa mesma ação diversas vezes, pois está achando incrível ter uma cabana dentro da sala."

"Isabella fica com receio de entrar dentro da cabana, pois não sabe o que pode ter lá dentro, mas seu amigo Lucas a convida para brincar com ele lá dentro, ela o observa até que percebe que a seu cheirinho está lá e resolve entrar para pegá-lo e entra na brincadeira com o Lucas."

"Lucas, Isabella e Betina se reúnem na cabana, todos juntos e começam a brincar com os brinquedos que ali se encontravam, demonstrando prazer e satisfação em estar naquele local, podendo expressar suas emoções."

2

Fonte: Centro de Documentação Pedagógica Giardino – UNISUL.

"O que podemos encontrar na cabana?" (Centro de Documentação Pedagógica Giardino – UNISUL). Nosso olhar curioso, ao percorrer essa documentação pedagógica, encontrou na cabana interações, brincadeiras, experiências de linguagem...

As crianças vivem a experiência de entrar em linguagem brincando. O tempo/espaço da cabana possibilitou a interação e potencializou aos bebês e às crianças bem pequenas experiências de habitar a linguagem. É importante lembrarmos que

O espaço potencializa a educação. Mas, é o olhar, a conversa, o toque, o sorriso, a brincadeira, as relações e as experiências que transformam o espaço da creche em lugar de viver a infância, não uma infância qualquer, mas uma infância inteira, completa, uma infância em plenitude. (PANDINI-SIMIANO, 2014, p. 9).

A riqueza presente nas relações cotidianas pode, muitas vezes, passar despercebida no dia a dia, mas percebê-la e documentá-la põe, em evidência, a prática docente da Educação Infantil. As diferentes possibilidades para as relações entre os pares, materialidades e espaços reforçam a concepção de Educação Infantil como um lugar privilegiado de habitar a linguagem.

A sutileza nas ações planejadas, por meio de um espaço potente, permitiu a construção de relações e brincadeiras com diferentes linguagens. Evidenciar tais momentos, na documentação pedagógica, nos faz perceber que o trabalho com as crianças pequenas vai além das "atividades rotineiras".

A especificidade do brincar, valorizada através desta “arquitetura” de imagens e dizeres, remete-nos, também, à potencialidade das crianças em descobrir a vida a partir das linguagens.

Crianças brincam individual ou coletivamente e nesse ato experimentam e descobrem a vida que pulsa em diferentes ritmos a partir das linguagens com as quais aprendem a relacionar-se com os outros: trata-se da extraordinária capacidade em provar a vida de modo intenso, com tudo o que isso envolve, tais como, confrontos, tristezas, alegrias, amizades, tensões. Capazes que as crianças são de materializar suas ideias, ainda que tantas vezes incompreensíveis aos adultos, [...] as crianças, quando ouvidas, nos mostram que um mais um pode ser muito mais que dois. (GOBBI, 2010, p. 1).

O brincar constitui-se como a principal forma da criança ser e estar no mundo. Por meio do brincar, as crianças se relacionam com o outro e atribuem sentido ao mundo em que vivem. As crianças se expressam e elaboram sentidos de diferentes formas: espiga de milho; pincel, concha, objetos cotidianos...cores, texturas, formas, cheiros, sons... possibilidades, relações. A criança encanta-se pelas materialidades e por sua capacidade de se relacionar com elas. As interações e as brincadeiras documentadas ressaltam o encontro das crianças com o mundo e a sua capacidade de habitar a linguagem.

Pensando nisso, “acreditar nas capacidades criadoras e expressivas das crianças, escutá-las e potencializar suas diferentes linguagens é o papel do professor na educação infantil. [...] ampliando os repertórios das crianças, apresentando a elas o mundo em suas diferentes composições” (GOELZER; LÖFFLER, 2016, p. 233). Elemento-chave para o trabalho junto às crianças e suas diferentes linguagens.

As experiências diversificadas, que contemplam elementos do mundo em que vivemos, remete-nos à necessidade de pensar sobre a relação das crianças com as coisas. Ao observar esta documentação pedagógica, é possível encontrar, nas expressões das crianças, a curiosidade em manipular tais elementos. São elementos corriqueiros que fazem parte do nosso cotidiano, mas utilizados de diferentes formas e jeitos. Enfatizar esta relação com o mundo amplia e oportuniza novas possibilidades para as brincadeiras, interações, indagações, descobertas, imaginação, criação.

Nesse sentido, ao levar para o espaço educativo tempos e materialidades pensados e planejados, os acadêmicos deram condições para propiciar experiências significativas. Os significados produzidos, ao contemplar as diferentes linguagens, contribuem para grandes descobertas. A documentação pedagógica, abaixo, reforça esta ideia (Figura 4).

Figura 4 – Música, sombra e seus encantos: a ampliação das experiências sonoras, musicais e corporais das crianças na creche

4 *Com as ouvidos nós escutam os silêncio do mundo.
E dentro do silêncio moram todos os sons: canto, choro, riso, lamento. (...)
Escutar é também um jeito de ver.
Quando nós escutamos, imaginamos distâncias, construímos histórias, desvendamos nossas paisagens.
Os ouvidos têm raízes pelo corpo inteiro.*

Bartolomeu Campos de Queirós

Música, sombras e seus encantos : A ampliação das experiências sonoras, musicais e corporais das crianças na creche

Pensar espaços potentes com diferentes materialidades na instituição de educação infantil é fundamental para estar ampliando o repertório das crianças em suas diferentes linguagens, pensando no desenvolvimento delas em um ambiente lúdico.



Proposição de uma oficina musical na sala com luzes coloridas.



O efeito das luzes e sombras nas paredes transformaram a experiência.



Encantamento com o colorido e as sombras que se movem nas paredes.

1



O movimento como expressão da criança.

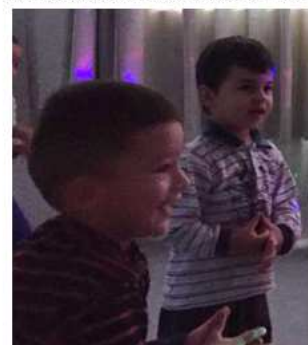


Vivenciando uma nova experiência.

As luzes coloridas destacadas por formas diferentes na parede da sala da creche III fez com que as crianças expressassem seus sentimentos, gestos e gostos, de uma forma singular. Com a proposta de ampliarmos o repertório musical das crianças, oportunizamos músicas de diversos gêneros. A felicidade e diversão que existia através dos movimentos, expressões e linguagens tomaram conta do ambiente. O contato com as sombras, o conhecimento dos novos gêneros musicais no espaço da creche, a liberdade da linguagem corporal fez dessa vivência uma experiência única e marcante, tanto para as crianças quanto para os que fizeram parte e vivenciaram este momento.



Liberdade de pular, dançar, gritar e cantar.



A felicidade de dançar com os amigos.

2

Fonte: Centro de Documentação Pedagógica Giardino – UNISUL.

Os registros documentados nos remetem a uma ideia de corporeidade. Corpos que se expressam em diferentes ritmos. As luzes compõem o clima, mas são os movimentos que exaltam a imagem de criança potente, produtora de cultura e constituem uma linguagem corporal que permite a ação no mundo. Pensar na corporeidade também nos ajuda a perceber que o corpo não existe isoladamente; as práticas culturais, sociais e todo o conhecimento

produzido em torno do corpo e pelo corpo dão contornos para os modos de ser, estar e se comunicar no mundo. Corpo e mente, juntos.

Por meio do corpo, as crianças se expressam, constroem relações e vivenciam diferentes formas de ser e estar na creche. Seus ritmos e manifestações potencializam a concepção de criança produtora de linguagem. Tal potência de produção de sentidos emerge como “experiência do devir narrativo e por isso habitamos as dimensões da linguagem de muitos modos. Ao habitarmos a linguagem, habitamos, também, a ação de educar. Marcamos nossa presença no mundo a partir da dimensão inventiva de produção de sentidos.” (LINO; RICHTER, 2016)

Documentar possibilita aos adultos e às crianças produzir sentidos do vivido (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 2002), deixar marcas do percurso educativo. É colecionar preciosidades que ressignificam o processo. O ato de documentar sustenta uma docência com bebês à medida que o professor-colecionador que busca, no dia a dia, colher preciosidades, experiências do cotidiano educativo, que, se não forem documentadas, narradas, correm o risco de se perder (PANDINI-SIMIANO, 2015). Tais narrativas são capazes de sustentar o ser e estar na creche.

4 CONSIDERAÇÕES PARA ESSE TEMPO DE ESTUDO

Frente à importância da creche para a constituição do sujeito, apostamos na linguagem como forma de produzir sentidos e de ser e estar no mundo. No presente texto, buscamos olhar para as documentações pedagógicas construídas no Estágio em Educação Infantil do Curso de Pedagogia, buscando indícios para pensar a linguagem na creche.

A documentação pedagógica constituiu-se no registro - através do olhar e da escuta sensível -, na interpretação - dando significado aos acontecimentos - e na construção de narrativas. Os acadêmicos, profissionais em formação, experimentaram o papel do professor pesquisador/colecionador (PANDINI-SIMIANO, 2015) ao ir a campo de estágio, olhando para as crianças, registrando, refletindo, narrando, propondo às crianças a possibilidade de viver novas experiências e se envolvendo na dinâmica do “ser professor” e “estar na creche”.

A partir desse percurso, identificamos, nas documentações produzidas pelos acadêmicos, uma concepção de criança como sujeito de direitos. Crianças ativas, interativas, competentes, produtoras de linguagem.

Tornar-se produtor de linguagem implica habitá-la, conferindo sentidos. A docência

com bebês e crianças pequenas na creche requer assumir a responsabilidade pedagógica de planejar e organizar um contexto temporal e material potencialmente rico em experiência, que permita às crianças habitar as dimensões da linguagem de muitos modos. Trata-se de um fazer-pensar, comprometido com práticas educativas que assegurem as especificidades do brincar, das interações e das linguagens, tal como proposto nas Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil – DCNEI (BRASIL, 2009).

O gesto de documentar a experiência educativa implica percorrer com as crianças a construção de sentidos do vivido. O professor-colecionador, quando produz uma documentação pedagógica, está invocando a linguagem, em sua força de sentidos, para agir no mundo. É essa força expressiva da linguagem que produz narrativas capazes de deixar marcas, tecer memórias, fazer história.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.
- BRASIL. **Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/agosto-2017-pdf/70431-res-cne-cp-002-03072015-pdf/file>. Acesso em: 03 abr. 2020.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e tecnica, arte e politica. Obras escolhidas I*. 2. ed. Sao Paulo: Brasiliense, 1986.
- CARVALHO, Kézia Costa de Oliveira Rocha. **Ensinando futuros professores: primeiras experiências em estágio supervisionado**. 2014. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014. Disponível em: <http://tede.mackenzie.br/jspui/bitstream/tede/1919/1/Kezia%20Costa%20de%20Oliveira%20Rocha%20Carvalho.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2019.
- CERISARA, Ana Beatriz et al. Partilhando olhares sobre as crianças pequenas: reflexões sobre o estágio na educação infantil. **Zero-a-seis Revista eletrônica**, v. 4, n. 5, jan./jul. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/11157/10630> Acesso em: 06 abr. 2020.
- EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- GATTI, Bernardete. A formação inicial de professores para a Educação Básica: As licenciaturas. **Revista USP**, São Paulo, n. 100, p. 33-46, dez./jan./fev. 2013-2014.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOELZER, Juliana; LÖFFLER, Daliana. In: CANCIAN, Viviane Ache; GALLINA, Simone Freitas da Silva; WESCHENFELDER, Noeli. **Pedagogias das infâncias, crianças e docências na educação infantil**. Santa Catarina: UFSM, Centro de Educação, Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo; Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica, 2016. p. 227-239.
- GOBBI, Márcia Aparecida. Múltiplas linguagens de meninos e meninas e a educação infantil. **Anais do I seminário nacional: currículo em movimento – Perspectivas Atuais**. Belo Horizonte, novembro de 2010, p. 1-21.

KRAMER, Sonia. **Retratos de um desafio**: crianças e adultos na Educação Infantil. 1. ed. São Paulo: Ática, 2009.

LINO, Dulcimarta Lemos ; RICHTER, Sandra Regina Simonis. **Rodas Poéticas e Libretos de Criação: experiências lúdicas de habitar a linguagem na Educação Infantil. Reunião Científica Regional da ANPED 2016. Disponível em:**

http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wpcontent/uploads/2015/11/Eixo5_DULCIMARTA-LEMO-SANDRA-REGINA-SIMONIS-RICHTER.pdf . Acesso em:20 jul.2020.

LISBOA, Anna Carla Luz. **O processo de documentação pedagógica em uma experiência formativa na educação infantil**: um olhar para a dimensão estética. - 2019. 131 f. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2019. Disponível em: <https://riuni.unisul.br/handle/12345/8083>. Acesso em: 20 abr. 2020.

MALAGUZZI, Lóris. La educacion Infantil em Reggio Emilia. Barcelona: Ediciones Ectaedro, 2001. _____. Historias ideias e filosofia basica. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança**. Porto Alegre: Artes Medicas, 1999. p. 48-62.

MELLO, Suely Amaral; BARBOSA, Maria Carmen Silveira; FARIA, Ana Lúcia Goulart de (Org.). **Documentação pedagógica**: teoria e prática. 1. ed. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2017.

OSTETTO, Luciana Esmeralda (Org.). **Educação Infantil**: Saberes e fazeres da formação de professores. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2011.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. A prática do registro na Educação Infantil: narrativa, memória, autoria. **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 202-213 jul/dez, 2015.

PANDINI-SIMIANO, Luciane. Medidas de um outro olhar... Sobre a materialidade do espaço da creche e a constituição de um lugar dos bebês. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v.22, n. 93, p.1-15, set., 2014. Disponível em:

file:///C:/Users/Acer/Downloads/Medidas_De_Um_Outro_Olhar_Sobre_A_Materialidade_Do.pdf. Acesso em: 18 abr. 2020.

PANDINI-SIMIANO, Luciane. **Colecionando pequenos encantamentos**: A Documentação Pedagógica como uma narrativa peculiar para e com crianças pequenas. 2015. 162 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2015.

PANDINI-SIMIANO, Luciane. **O processo de documentação pedagógica e a tessitura de narrativas na creche**: Entre fios e desafios. In: Reunião Científica Regional da ANPED- Educação, Movimentos Sociais e Políticas Governamentais Curitiba, 2016.